

# ***A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE MACAU***

*Huang Hongzhao* \*

O porto comercial de Macau existe desde 1557 e conta hoje 440 anos de história. Ao longo do seu desenvolvimento histórico, as culturas chinesa e ocidental têm-se encontrado e misturado nesta cidade portuária, formando-se a cultura de Macau com características bem particulares, o que influenciou directamente os primeiros intercâmbios culturais entre a China e o Ocidente, nos séculos XVI a XVIII. Estudar a formação da cultura de Macau e o seu estatuto histórico continua hoje a revestir-se de uma importância inegável.

## **1. CRIAÇÃO DO PORTO DE COMÉRCIO DE MACAU**

A abertura do porto de Macau e a prosperidade da sua economia são condições históricas indispensáveis para a formação e desenvolvimento da sua cultura. Macau foi, em tempos idos, uma ilha do distrito de Xiangshan, com uma pequena população que se dedicava principalmente à pesca. Era também, já na altura, um dos ancoradouros dos barcos estrangeiros, na foz do rio das Pérolas. Os outros ancoradouros eram os de Guanghai, Wangtong e Qitan, de Xinning (hoje Taishan); os de Langbai e Shizimen, de Xiangshan; e os de Hutoumen, Tunmen e Jixi, de Dongwan<sup>1</sup>. O ancoradouro de Macau possuía já então melhores condições geográficas do que os outros. Porta para o continente, face à imensidão do oceano, era a melhor da província, de fácil acesso quanto ao abastecimento de cereal e água. Em 1529, o governador provisório de Cantão, Lin Fu, apresentou um relatório ao imperador, pedindo para que fossem autorizados os transportes marítimos. Em 1535, a corte da

---

\* Docente da Faculdade de História da Universidade de Nam Jing.

<sup>1</sup> Huang Zuo, «Crónica de Guangdong», vol. 66, entrada «Wai Zhi» (assuntos estrangeiros), Qu Dajun, «Nova Descrição de Guangdong», vol. 2, «Diyu» (descrição de terrenos), Editora do Povo de Guangdong, versão de 1961, pág. 34.

dinastia Ming transferiu para Macau o *shibosi* (administração de assuntos de comércio e porto). Desde então, «as diversas baías deixaram de funcionar, e a de Macau tornou-se ancoradouro de abrigo»<sup>2</sup>. Na fase inicial da sua abertura, o número de barcos aumentou muito; faltavam, no entanto, casas para os comerciantes estrangeiros, pelo que «o mandarim encarregado da defesa de Macau autorizou a construção de barracas provisórias, que eram desmontadas quando os barcos voltavam a fazer-se ao mar»<sup>3</sup>. Nos documentos antigos lê-se ainda que «os estrangeiros que chegaram à China ancoravam os seus barcos em Macau de Xiangshan, e, depois do comércio, voltavam a fazer-se ao mar»<sup>4</sup>. Daí podemos ver que, depois da abertura do seu porto, Macau só começou a mudar após a chegada dos portugueses. A sua cultura era tradicionalmente chinesa, caracterizada pela vida de porto de pesca. Ainda no período neolítico, há mais de quatro mil anos, Macau já era habitada. Foram desenterrados, em Coloane, pratos de cerâmica colorida com motivos de ondas, e descobertos desenhos gravados na pedra, de figuras em forma de dragão, o que demonstra que os habitantes de Macau mantinham uma estrita relação com o mar. Por outro lado, a crença na deusa do mar A-Má era também muito popular em Macau. Em 1488, o primeiro ano do reinado de Hongzhi da dinastia Ming, comerciantes de Fujian e de Chaozhou ergueram em Macau o Pagode da Barra, em honra da deusa A-Má, que passou a ser o símbolo da cultura do porto de pesca de Macau. Os primeiros portugueses desembarcaram perto do Pagode da Barra e chamaram Macau ao território conforme a pronúncia do nome chinês do templo.

Com a chegada dos portugueses em meados do século XVI, o estatuto de Macau começou a alterar-se profundamente. Em 1553, sob pretexto de que «as mercadorias estavam molhadas, e para as secar, pretendiam que lhes fosse emprestado um terreno, Wang Baixun, vice-encarregado dos assuntos marítimos, subornado, acabou por autorizá-lo»<sup>5</sup>. Com a autorização, os portugueses conseguiram estabelecer-se temporariamente na terra, e, em 1557, começaram a construir casas; «Havia no princípio apenas algumas dezenas de barracas e casas provisórias, mas depois construtores e comerciantes que pretendiam lucros fáceis passaram a construir casas de tijolo e madeira, começando Macau a tomar forma de povoação»<sup>6</sup>. Os portugueses começaram assim a estabelecer-se em Macau. O governo da China autorizou tacitamente que os portugueses pudessem construir casas e morar em Macau, mas

---

<sup>2</sup> Ver <sup>1</sup>.

<sup>3</sup> Pang Shangpeng, «Textos Seleccionados de Bai Ke Ting», vol. 1 «Proposta de tratamento e tranquilização dos estrangeiros em Macau».

<sup>4</sup> Wang Linheng, da dinastia Ming, «Yue Jian Pian», vol. 3 «Crónica dos estrangeiros».

<sup>5</sup> Guo Fei, «Crónicas de Guangdong», vol. 69 «Macau».

<sup>6</sup> Guo Fei, obra supracitada.

estipulou que tinham de pagar anualmente um «foro do chão». O distrito de Xiangshan encarregava-se de cobrar o dito foro<sup>7</sup>. O facto de os portugueses pagarem foro demonstra que Macau se encontrava sob a jurisdição do distrito de Xiangshan até ao ano de 1849. Com o aumento do número dos portugueses estabelecidos em Macau, em 1560 os portugueses criaram, sem obter devida autorização, uma instituição composta de chefe militar, juiz e bispo, a fim de manter a ordem social na zona onde moravam. No entanto, este poder limitava-se aos assuntos comerciais e internos dos portugueses, que continuavam a ter de respeitar as leis chinesas e obedecer à administração dos funcionários chineses.

Macau começou entretanto a tornar-se um porto livre de comércio internacional. Nos inícios do século XVI, Portugal conseguiu monopolizar o comércio entre o Oriente e o Ocidente, baseado nas especiarias, tendo tomado Macau como um porto de trânsito do seu comércio internacional no Extremo Oriente. Devido ao facto de a China aplicar na altura uma política de porta fechada ao exterior, o comércio externo da China encontrava-se na realidade monopolizado pelos portugueses, que obtinham grandes lucros no comércio marítimo. No entanto, os portugueses tinham de continuar a pagar às alfândegas chinesas impostos de comércio, o que demonstra também que os portugueses reconheciam a soberania da China a fim de realizar o seu comércio em Macau.

Foi com a abertura do porto que a cultura ocidental veio a introduzir-se em Macau. Nessa altura, a população do porto comercial de Macau aumentou significativamente, tal como a sua cultura, que foi muito enriquecida. A população era então constituída principalmente por comerciantes portugueses e chineses. Antes de abrir o seu porto ao exterior, em 1557, Macau tinha apenas 400 residentes, enquanto que em 1564, segundo Pang Shangpeng, «o número de estrangeiros ultrapassava já dez mil»<sup>8</sup>. Quanto à população de Macau, não existem estatísticas precisas, mas sim relatórios que os funcionários apresentavam ao imperador. Em termos gerais, o período desde a década de 60 do século XVI à década de 30 do século XVII foi o auge do comércio de Macau, pois um número considerável de relatórios confirmam que a população era superior a dez mil pessoas. A partir dos meados do século XVII, com o fim do período áureo do comércio, a população de Macau baixou e manteve-se abaixo dos dez mil durante algum tempo. Mas, mesmo assim, Macau nunca deixou de ser uma cidade portuária de estrangeiros e chineses, e após 1557, os comerciantes estrangeiros e chineses promoveram conjuntamente a prosperidade económica de Macau, ao mesmo tempo que o desenvolvimento da sua cultura, a qual deixou de ser uma

---

<sup>7</sup> Li Shijin, «Actualização da Crónica do Distrito de Xiangshan», vol. 69 «Defesa marítima».

<sup>8</sup> Pang Shangpeng, obra supracitada.

cultura de porto de pesca, monótona e pobre. Na altura, a identidade cultural de Macau era evidentemente caracterizada por duas culturas, a chinesa e a ocidental: coexistindo, mantinham cada uma as suas próprias características. Os portugueses vieram estabelecer-se em Macau a fim de comerciar. No entanto, com o seu estabelecimento em Macau, de geração para geração, importaram-se sinais de vida ocidental: a arquitectura, o vestuário, a culinária, ritos e costumes, língua escrita e falada, igrejas, escolas e hospitais, de modo que Macau se viu envolta num forte ambiente ocidental. Os chineses de Macau mantinham na altura o modo de vida tradicional chinês e ficavam atónitos perante a cultura ocidental que ia surgindo em Macau, considerando que os portugueses eram «de aspecto censurável e roupa estranha, e com espadas muito afiadas e canhões que sacodem as colinas e mares, são pessoas comuns quando contentes, e verdadeiras feras quando furiosos, sendo explícito a sua natureza e carácter»<sup>9</sup>, e que se deviam tomar medidas de prevenção contra elas. Era este o estado psicológico dos chineses nos contactos que mantinham com a cultura ocidental.

## **2. ENCONTRO E MISTURA DAS CULTURAS CHINESA E OCIDENTAL**

As culturas chinesa e ocidental que coexistiam em Macau, inevitavelmente exerciam influências invisíveis uma sobre outra, de modo que, pouco a pouco, os chineses passaram a vestir roupas estrangeiras, aprender línguas estrangeiras, entrar nas escolas estrangeiras, professar religiões estrangeiras, e até a deslocar-se ao estrangeiro para aprender as ciências do Ocidente; da mesma forma, os estrangeiros começaram a vestir roupas chinesas, a falar a língua ou dialectos chineses, e a dedicar-se à sinologia e a traduzir obras clássicas chinesas. Começaram também a registar-se mais e mais casamentos entre chineses e estrangeiros. Macau forneceu condições suficientes para as culturas chinesa e ocidental se misturarem entre si, formando pouco a pouco uma cultura muito peculiar. Esta mistura resultou espontaneamente dum longo processo de coexistência. Em termos gerais, os intercâmbios culturais entre a China e o Ocidente foram realizados das seguintes formas:

(1) Os negócios entre os comerciantes chineses e portugueses exigiram comunicação entre si e, conseqüentemente, conhecimento da outra cultura. Com o estabelecimento dos comerciantes portugueses em Macau, os comerciantes das províncias de Cantão, Fujian e Zhejiang começaram a acorrer a Macau, sobretudo os provenientes de Fujian porque possuíam mais meios do que os outros. Em 1564, Pang Shangpeng escreveu: «Os intérpretes são geralmente provenientes de Zhangzhou, Quanzhou, Ningbo, Shaoxing, Dongwan e Xinhui; de cabelo até à orelha, usam roupas estrangeiras e imitam as pronúncias estrangei-

---

<sup>9</sup> Pang Shangpeng, obra supracitada.

ras»<sup>10</sup>. A «Monografia de Macau» diz: «Os intérpretes do negócio e os comerciantes são geralmente provenientes de Fujian, os operários, os vendedores e os donos de lojas são na sua maioria cantonenses. Alugam casas aos estrangeiros, formando-se povoações»<sup>11</sup>. Hu Pingyun afirma por sua vez: «Em grande número são os comerciantes de Fujian, que, concentrados em Cantão, vão angariar lucros em Macau, e o seu número ronda as dezenas de milhar. São estas pessoas que fazem comércio ilegal com os estrangeiros, e a sua actuação é condenável»<sup>12</sup>. Qu Dajun afirma também: «Chegam barcos (portugueses) carregados de coisas preciosas e estranhas, cada barco leva a bordo uma quantidade incalculável de prata, os provenientes de Fujian recebem o metal precioso e distribuem-no aos artífices para fabricar objectos variados de uso diário, com os quais trocam mercadorias preciosas, obtendo assim bons lucros»<sup>13</sup>. Alguns comerciantes chineses que pretendiam lucros fáceis faziam comércio clandestino em grande escala, «os cereais, gado e legumes fornecidos aos estrangeiros são todos provenientes de Cantão, mas existem, ao lado dos fornecedores oficiais, vendedores, em maior número, que clandestinamente fornecem arroz a Macau. Em Cantão, armas brancas e munições para armas de fogo são todas destinadas aos estrangeiros. Há não só vendedores, mas também, e ainda em maior número, fabricantes de armas para os estrangeiros, adquirindo assim mercadorias e lucros incalculáveis. Há também comerciantes que vendem homens e mulheres aos estrangeiros, adquirindo assim mercadorias e lucros incalculáveis. E os que se metem no mercado estrangeiro de Macau e os que trabalham como conselheiros para os estrangeiros, são ainda em maior número»<sup>14</sup>. Daí se pode ver que, com o aumento de contactos entre os portugueses e os comerciantes chineses em Macau, que trabalham para os primeiros, como agentes de comércio, intérpretes e artífices diversos, os chineses passam a ser influenciados pela cultura dos portugueses, «penteiam-se à estrangeira, vestem roupa estrangeira e falam língua estrangeira»; há também portugueses que vestem roupa chinesa e falam o chinês. Entretanto, os portugueses «construíram em Macau edifícios e habitações onde moram com os seus familiares, e o rés-do-chão é alugado aos locais»<sup>15</sup>. Os comerciantes chineses provenientes do interior do continente alugam geralmente o rés-do-chão, como vizinhos dos portugueses que moram em cima, vivendo ambas as partes em harmonia, de tal modo que os costumes se fundem e o sangue se mistura. Os portugueses consideram que as mulheres do Oriente são

---

<sup>10</sup> Pang Shangpeng, obra supracitada.

<sup>11</sup> Yin Guangren e Zhang Rulin, «Monografia de Macau», Editora Ensino Superior de Guangdong, edição de 1988, pág. 2.

<sup>12</sup> Shi Cheng, «Crónica da Prefeitura do Cantão», vol. 222, biografia 11.

<sup>13</sup> Qu Dajun, obra supracitada.

<sup>14</sup> Gui Shangbin, «Admoestações de Guo Ji», vol. págs. 12-17.

<sup>15</sup> Yin Guaren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 25, 66, 63, 29-33.

puras e doces, preferindo casar-se com uma mulher chinesa e casar filhas com chineses. «Congratulam-se por ter um genro chinês»<sup>16</sup>, o que demonstra a coexistência amistosa dos dois povos em Macau. Numa palavra, os povos chinês e português mantêm frequentes contactos através dos intercâmbios comerciais, e exercem influências mútuas quanto à cultura e costumes, sendo esta uma das principais formas de representação da fusão das culturas dos residentes de Macau, chineses e ocidentais.

(2) A missionação católica alargou a influência da cultura ocidental. A religião católica é o símbolo da cultura ocidental. A Igreja pretendia desde o início conquistar o Oriente com a cultura ocidental através da missionação. Após o estabelecimento dos portugueses em Macau em 1557, começou a missionação. Em 1562, já havia em Macau três igrejas simples, com 600 crentes. Em 23 de Janeiro de 1576, o Papa ordenou o estabelecimento da diocese de Macau e nomeou Melchior Carneiro como primeiro bispo, a quem encarregou dos assuntos da missionação no Extremo Oriente. Durante o período de 1566 a 1599, a Igreja criou em Macau uma casa para leprosos, uma casa de misericórdia e a Santa Casa de Misericórdia, sendo as primeiras instituições de misericórdia com que a Igreja pretendia atrair crentes. Todos eram tratados, independentemente da sua crença religiosa, o que conseguiu estreitar as relações entre a Igreja e as massas populares. A partir dessa data, mais e mais igrejas vieram a erguer-se em Macau. A mais magnífica foi a Igreja de São Paulo, que, construída em 1563, era composta de duas partes: convento e igreja propriamente dita, num total de cinco construções aglomeradas. Chegavam a assistir à missa 300 pessoas, sendo uma famosa igreja da diocese do Extremo Oriente. Os religiosos católicos de Macau eram todos considerados como sendo da Igreja de São Paulo. Fang Ruai, que residia em Macau, na sua «Poesia de Macau» escreveu: «Os que se encontram nos cruzamentos são todos eclesiásticos da Igreja de São Paulo»<sup>17</sup>. Daí podemos ver que os eclesiásticos e crentes da Igreja de São Paulo eram em número considerável.

Entrando na década de 80, graças aos esforços de Mateus Ricci, a missionação na China conheceu uma nova situação. Segundo um relatório de Yang Guangxian, nos princípios da dinastia Qing, havia 30 igrejas no país, espalhadas por 15 grandes e médias cidades, com cerca de 150 mil crentes, enquanto em Macau, base da missionação, o número de crentes era «superior a dez mil». Em 1578, construiu-se uma igreja dos chineses, conhecida também como «templo dos chineses». Era uma igreja destinada aos chineses, sob a administração dos eclesiásticos da Igreja de São Paulo, que utilizavam a língua chinesa na sua missionação a fim de atrair crentes chineses. Segundo a investigação efectuada por

---

<sup>16</sup> Yin Guaren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 25, 66, 63, 29-33.

<sup>17</sup> Yin Guaren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 25, 66, 63, 29-33.

Zhang Rulin em 1746, os chineses que passaram a professar a religião católica podiam dividir-se em duas partes: os chineses residentes em Macau; e os chineses dos distritos de Nanhai, Panyu, Dongwan, Shunde, Xinhui e Xiangshan, que se deslocam uma vez por ano a Macau para realizar actividades religiosas. Quanto ao relacionamento entre a crença e a ocidentalização, Zhang Rulin relata-a nestas palavras:

«Os crentes residentes de Macau, como moram em Macau, têm sofrido influências profundas, tendo estrangeirado, pouco a pouco, a língua e os costumes. Entre eles, alguns tornam-se eclesiásticos, outros mantêm-se seculares, alguns casaram com estrangeiras, ou dedicam-se ao comércio com capital emprestado, ou trabalham como operários, ou prestam serviços militares. Há quem tenha estreitas relações com o estrangeiro, e os que trabalham como agentes dos estrangeiros pretendem também professar o catolicismo a fim de facilitar os seus contactos com os estrangeiros. É difícil no entanto identificar estas pessoas. Consegui desta vez identificar o senhor Lin, o senhor Zhou Shilian e demais 17 pessoas. O senhor Lin, que usa nome estrangeiro, mora na igreja e dedica-se à missionação com os seus filhos e discípulos. E o senhor Zhou Shilian, ou António em língua estrangeira, evidentemente dono de barcos estrangeiros, dedica-se ao comércio marítimo. Estas duas pessoas são líderes dos crentes católicos chineses»<sup>18</sup>.

Evidentemente, o facto de os chineses professarem o catolicismo pode ser explicado não só pela própria conversão religiosa mas também pelo seu conhecimento da cultura ocidental. Assim, o processo da missionação católica é também o processo da expansão da influência da cultura ocidental no Oriente. Entretanto, a diocese de Macau encarregava-se na realidade dos assuntos da missionação nos seis distritos do Delta do Rio das Pérolas. Para além de participar activamente nas actividades religiosas, os chineses que receberam o baptismo católico também acompanhavam frequentemente os padres ocidentais na sua missionação no interior da China, servindo-lhes como guias e intérpretes. Os irmãos Zhong Mingren e Zhong Mingli, naturais de Xinhui de Cantão, por exemplo, que tinham recebido o baptismo católico em Macau junto do seu pai, acompanharam respectivamente Mateus Ricci, Miguel Ruggieri, Afonso Vagnoni e Lazarus Cattaneo na missionação em Cantão, Jiangxi, Nanquim e Zhejiang, e viveram missionando seis ou sete anos em Pequim. O intercâmbio cultural foi sempre recíproco. Os missionários estrangeiros ocidentalizaram crentes chineses e o povo chinês achinesou os missionários que vieram à China. Os missionários começaram a aprender a escrever e a falar a língua chinesa só para satisfazer as necessidades da missionação, e se adaptarem aos costumes chineses, vivendo mesmo como chineses. No entanto, depois de terem estudados os livros clássicos chineses e conhecido as realidades da

---

<sup>18</sup> Yin Guaren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 25, 66, 63, 29-33.

China, passaram a ser atraídos profundamente pela sua milenar história e cultura, de modo que se esforçaram para ser sinólogos e tomaram a iniciativa de divulgar a cultura chinesa no Ocidente. Pode dizer-se que a influência cultural exercida pela missão católica na China foi dupla: introduzir a cultura ocidental na China e a chinesa no Ocidente.

(3) O estabelecimento de escolas estrangeiras e a troca de livros sobre a cultura reforçou o intercâmbio cultural. O estabelecimento do Seminário de São Paulo em 1 de Dezembro de 1594 foi um grande evento do intercâmbio cultural entre a China e Ocidente. Este estabelecimento docente era também conhecido como Colégio de São Paulo, ou Templo de São Paulo pelos chineses. Com boas condições, conseguiu formar e transformar muitos ocidentais em bons conhecedores dos assuntos chineses e até sinólogos, e muitos chineses em bons conhecedores da cultura ocidental, sendo o berço dos sinólogos ocidentais e ocidentalistas chineses do Extremo Oriente. Este estabelecimento existiu durante 241 anos, desde a sua criação até 1835, ano em que foi destruído por um incêndio. Este colégio era financeiramente apoiado pelos comerciantes portugueses de Macau. As disciplinas ministradas neste colégio dividiam-se em três partes: 1. ciências humanas — o chinês, o latim, a retórica, a música; 2. filosofia — a filosofia, a teologia; 3. ciências naturais — a matemática, a astronomia, o calendário, a física, a medicina. O chinês era obrigatório, com o maior número de aulas de entre todas as disciplinas. Os alunos eram: 1. jesuítas europeus que vinham à China missionar, que deviam dominar o chinês e conhecer as realidades chinesas e os seus costumes e ritos, a fim de contribuir para a missão; 2. crentes chineses, japoneses e de outros países orientais, que deviam dominar o latim e o catolicismo, a fim de participar na missão, tendo ainda em vista a sua posterior ordenação como padres. O colégio foi criado com a finalidade de divulgar o catolicismo, mas acabou por ser um centro de formação das culturas chinesa e ocidental. Em termos gerais, os dois anos de formação são o processo da naturalização chinesa dos estrangeiros ou o processo da ocidentalização dos chineses.

Durante o período de 1567 a 1807, mais de 200 religiosos ocidentais ingressaram no Colégio de São Paulo e muitos deles contribuíram para o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente. No processo da missão, traduziram para chinês um número considerável de livros religiosos e de ciência e tecnologia do Ocidente, enquanto, como sinólogos, traduziram também para as línguas ocidentais muitas obras clássicas chinesas e introduziram-nas no Ocidente, tendo escrito ainda estudos destinados a apresentar a China ao Ocidente. Entre os primeiros sinólogos destacam-se Mateus Ricci, Jerónimo Rodrigues, Martinus Martini, Nicolaus Trigault, J. Adam Schall von Bell, Ferdinandus Verbiest e Joannes Terrenz. Quanto ao número dos alunos chineses que frequentaram este colégio durante o mesmo período, ainda não se encontra ao nosso alcance nenhuma estatística. Alguns dados mostram que muitos religiosos naturais de Macau, nomeadamente Huang Mingsha,



You Wenhui, Xu Bideng, Zhong Mingli, Shi Hongji, Fa Leisi e Zheng Manuo foram formados no Colégio de São Paulo e que Wu Li, famoso pintor natural de Changshu de Jiangsu, Lu Xiyan, natural de Huating de Xangai e Lan Fangji, natural de Hebei, também frequentaram este colégio. Os alunos, estrangeiros e chineses, jovens e velhos, provieram de todos os cantos do mundo. Wu Li, por exemplo, tinha na altura mais de 50 anos de idade, mas a maioria dos alunos eram crianças de mais de dez anos de idade<sup>19</sup>. Os alunos chineses, através dos estudos, conseguiram conhecer o catolicismo e dominar línguas estrangeiras e determinados conhecimentos sobre as ciências ocidentais, convertendo-se em ocidentalistas. No processo da sua missão, traduziram e escreveram algumas obras, tendo promovido o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente. You Wenhui e Xu Bideng participaram na elaboração do «Liang Yi Xuan Lan Tu», Lu Xiyan escreveu o «Sheng Nian Zhu Bao Dan», em dois volumes, «Yi Shuo», em um volume, «Traduções Orais do Natal», em dois volumes manualmente copiados, e «Descrição de Macau». Wu Li, famoso poeta e pintor dos inícios da dinastia Qing, escreveu «Mo Jing Shi Chao» (uma colectânea de poesias) e «Colectânea de São Paulo — Descrições Diversas dos Chineses de Macau». You Wenhui, especializado em pintura ocidental, fez um retrato de Mateus Ricci, que está hoje guardado no Vaticano, em Roma. Shi Hongji pintou muitas pinturas a óleo, de carácter religioso.

A partir dos meados do século XVII, a diocese de Macau recomeçou a seleccionar bons alunos chineses para os mandar estudar no estrangeiro. Ao mesmo tempo que o Colégio de São Paulo fazia esta selecção entre os seus alunos, os missionários também procediam à selecção de candidatos entre os crentes em diversas províncias, mandando-os para Macau, onde recebiam formação preparatória antes de serem mandados para a Europa. Entrando no século XVIII, o número de alunos enviados ao estrangeiro para estudar aumentou. Em Julho de 1732, o missionário italiano Matheaus de Baroni Ripa, com a autorização do Papa, estabeleceu em Nápoles o Colégio da China, a fim de formar missionários do Extremo Oriente. Para além dos alunos chineses, todos os que pretendiam missionar no Extremo Oriente podiam também ingressar nesse colégio. O Colégio da China deixou de funcionar em 1868, mas nos seus 136 anos de existência, o colégio formou 106 alunos chineses. Por outro lado, não poucos alunos chineses foram mandados

---

<sup>19</sup> Quanto à vida estudantil no Colégio de São Paulo, Wu Li deixou-nos na sua «Colectânea de São Paulo» descrições vivas: «É difícil encontrar um mestre de moral, os que vieram de longe são todos crianças. As aulas diurnas são das 5 à 7 da manhã e das 5 às 7 da tarde, ao tocar da campainha começamos a ler duas horas». «À porta falam-se dialectos de todo o lado, quando não se percebe, recorre-se à escrita. Há caracteres pequeninos e grandes, a ler horizontal ou verticalmente, muito mais difíceis de perceber». Ver a «Colectânea de São Paulo», págs. 1-4, e «Colectânea da Casa da Pequena Montanha de Pedra», vol. 13, da autoria de Wu Li.

pelos missionários a estudar noutros países europeus. No entanto não há estatísticas sobre este facto.

O estudo dos chineses no estrangeiro na sua etapa inicial tem duas características: 1. Tudo era organizado pela igreja; os alunos eram seleccionados pelos missionários entre os crentes, e o objectivo era formar missionários chineses. 2. A maioria dos alunos que estudaram no estrangeiro eram crianças de mais de dez anos de idade; os alunos adultos eram geralmente missionários estrangeiros, com raras excepções, como o caso do chinês Wu Li. O que acontecia na altura é que os fiéis crentes entregavam seus filhos e irmãos aos eclesiásticos para serem formados a fim de servir depois a igreja. Era sempre uma actividade destinada a preparar os sucessores eclesiásticos. No entanto, como os alunos adquiriram durante o seu estudo no estrangeiro ricos conhecimentos sobre a ciência e cultura, surgiram inevitavelmente alguns ocidentalistas. O facto de muitos se terem deslocado ao estrangeiro para estudar não exerceu no entanto grande repercussão na sociedade chinesa. Os dados históricos têm poucos registos sobre isto e a própria Igreja não fez disto propaganda, razão pela qual poucas pessoas conhecem este facto. Os seus efeitos sociais são muito diferentes, neste aspecto, dos da febre do estudo no estrangeiro registada após a Guerra do Ópio. É no entanto um evento de grande importância na história do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente.

A missionaçãõ através da divulgaçãõ da cultura que a diocese de Macau adoptou, promoveu o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, levando à introduçãõ na China de muitas obras de cultura ocidental e à introduçãõ no Ocidente de um número considerável de obras de cultura chinesa. Ainda nos primeiros anos da missionaçãõ católica na China, Mateus Ricci, para facilitar as suas conversas sobre os conhecimentos culturais, sempre levava consigo alguns livros de ciências, e com a ajuda dos crentes, conseguiu traduzir para chinês e publicar muitos livros de ciências. As avançadas ciências e tecnologia do Ocidente foram assim introduzidas na China, ao mesmo tempo que a religiãõ católica alargou a sua influênciã. Em 1613, o jesuítã francê Nicolãus Trigault apresentou ao Papa um relatório sobre a situaçãõ da missionaçãõ na China através da cultura. Posteriormente, em nome do Pontífice, conseguiu reunir 7 000 livros oferecidos, que foram carimbados pela Igreja. Em 1618, Nicolãus Trigault, Francisco Furtado e outros levaram para a China os 7 000 livros como oferta do Papa, tendo chegado a Macau em 22 de Julho de 1620.

Dos 7 000 livros, há também muitas obras de ciências para além das obras religiosas. «Descrições ilustradas dos Aparelhos Estranhos do Extremo Ocidente», em 3 volumes, traduçãõ da obra de Joannes Terrenz, pelo chinês Wang Hui, é precisamente um desses 7 000 livros, pertencente à área da física. Os livros introduzidos despertaram grande interesse junto dos letrados chineses. Em 1621, Yang Tingjun, escreve no seu «Esclarecimento de Dúvidas»: «Ao senhor Mateus Ricci, hóspede do nosso grande país, a Corte honrou-o toda a vida até a sua morte.

O rei dele, grato, mandou seu vassalo Nicolaus Trigault a entregar-nos presentes. Além de objectos, há ainda um pouco mais de 7 000 livros bem decorados, sem contar com os livros repetidos nem os livretes. Os livros, que estão guardados em Macau, quando entregues à Corte, devem ser distribuídos aos letrados para os traduzirem em conjunto com outros letrados. Uma vez traduzidos não haverá nenhuma dúvida, pelo que é desnecessário explicitar aqui o conteúdo de cada obra»<sup>20</sup>. O «Esclarecimento de Dúvidas» foi escrito um ano depois da chegada a Macau dos livros, pelo que as suas descrições têm de ser reais e críveis. Posteriormente, quando escreveu um prefácio para o «Resumo do Ocidentalismo» da autoria de Julius Aleni, Yang Tingjun afirmou que os livros provenientes do Ocidente se revestiam de significado muito maior do que os sutras budistas que o monge Xuan Zang da dinastia Tang trouxe do Oeste, mesmo quanto ao caminho percorrido e à quantidade. Foi ele que chegou a comprar os dois grandes acontecimentos da história, o que demonstra que ele já tinha reconhecido que a chegada dos 7 000 livros constituía um grande acontecimento para o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente<sup>21</sup>. Li Zhizao indicou no prefácio do «Zhi Fang Wai Ji»: «Nicolaus Trigault e outros trouxeram do seu país mais de 7 000 livros como oferta, a fim de se encontrarem os letrados do Oriente e do Ocidente»<sup>22</sup>. Desde então, ler e traduzir estes livros passou a ser uma moda, nomeadamente nos finais da dinastia Ming. Em 1939, no prefácio do seu «Li Xiu Yi Jian», Li Jiugong disse que mais de cem livros tinham sido traduzidos para chinês, ou seja, cinco ou seis livros por ano. A tradução desses livros continuou durante a dinastia Qing até ao reinado de Qianlong, quando a interdição da religião católica se tornou muito rigorosa. Segundo estatísticas, foram traduzidos no total 211 livros ocidentais, dos quais 35 da ciência e tecnologia do Ocidente<sup>23</sup>. As obras traduzidas abrangem novas ciências e conhecimentos formados após o Renascimento, nomeadamente nas áreas de astronomia, matemática, geografia, química, física, medicina, mecânica, arquitectura, assim como a filosofia religiosa, a linguística, a pintura e a música. A introdução na China das novas ciências e conhecimentos alargou a visão dos letrados chineses. Desde então registaram-se mudanças na ideologia, na orientação dos estudos académicos; a filosofia idealista em palavras ocas, que estava na moda, começou a perder o seu peso, e passou a dar-se maior consideração às ciências de uso prático. Os

---

<sup>20</sup> Yang Tingjun, «Esclarecimento de Dúvidas», «Há dez mil livros culturais ocidentais».

<sup>21</sup> Yang Tingjun, «Prefácio» do «Resumo do Ocidentalismo», Xu Zongze: «Resumo das Obras Traduzidas pelos Jesuítas nos Finais da Dinastia Ming e nos Inícios da Dinastia Qing», livraria Chinesa, edição de 1989, pág. 392.

<sup>22</sup> Li Zhizao, «Prefácio» de «Zhi Fang Wai Ji», Xu Zongze: obra supracitada, pág. 315.

<sup>23</sup> Xu Zongze, obra supracitada, págs. 1-15.

métodos científicos de estudos do Ocidente começaram a ser absorvidos, o que contribuiu directamente para o surgimento e desenvolvimento do positivismo.

Ao mesmo tempo da introdução na China do ocidentalismo, a cultura tradicional da China foi também introduzida na Europa. Nos finais do século XVI, os jesuítas da diocese de Macau começaram a traduzir obras clássicas chinesas e escrever obras sobre o confucionismo, introduzindo assim no Ocidente a ideologia e cultura da China. Em 1593, Mateus Ricci traduziu os «Quatro Livros» para latim e enviou o manuscrito para a Itália, para ser publicado. Trata-se da primeira obra clássica chinesa a ser traduzida para uma língua ocidental, sendo composta do «Grande Estudo», «Doutrina do Meio», «Analectos de Confúcio» e «Meneio», obras que foram posteriormente publicadas em separado. Em 1626, Nicolaus Trigault publicou a versão em latim dos «Cinco Clássicos». Trata-se na realidade dum colectânea de cinco obras clássicas, nomeadamente «Livro dos Odes», «Livro da História», «Livro dos Ritos», «Livro da Evolução» e «Anais da Primavera e Outono», que foram também publicadas em separado. Saíram também versões em diversas línguas europeias dessas duas obras clássicas. Segundo estatísticas incompletas, do século XVI ao XIX, 25 missionários da diocese de Macau traduziram ou escreveram 77 obras, apresentando os «Quatro Livros», os «Cinco Clássicos», e os clássicos da história, geografia, arte militar e medicina da China, assim como alguns pensadores e estratégias chineses, nomeadamente Confúcio, Lao Zi, Sun Bin, Wu Qi, entre outros, tendo exercido determinada influência sobre o círculo das ideias e cultura da Europa<sup>24</sup>.

Numa palavra, a formação da cultura de Macau, baseia-se no desenvolvimento da sua economia, paralelamente à formação e desenvolvimento do seu porto de comércio internacional, as actividades do comércio, missionação e educação cultural, tendo promovido o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente e a prosperidade da cultura de Macau.

### **3. ESTATUTO HISTÓRICO DA CULTURA DE MACAU**

Do quanto ficou dito, pode dizer-se que a cultura de Macau é a primeira multicultural a formar-se nos territórios chineses e a permanecer durante longo período. Os principais criadores desta cultura são os chineses e portugueses que habitam o Território desde tempo remotos. Outros povos que vieram fazer comércio e habitar Macau trouxeram também as suas influências culturais, nomeadamente da Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, França, Bélgica, Dinamarca e Suécia, assim como do Japão, Tailândia, Filipinas, Malásia, Vietname, Camboja,

---

<sup>24</sup> Ver «Intercâmbios Culturais entre o Oriente e o Ocidente», da autoria de Wu Zhiliang, Fundação Macau, edição de 1994, págs. 54-55.

Indonésia, Brunei, Ceilão, Índia e Iémen. Gente que veio de todos os cantos do mundo, e o seu tempo de residência em Macau varia muito, mas sempre conseguiram coexistir pacificamente, de modo que Macau se converteu numa colorida cidade portuária multicultural. Este é deveras um milagre da história do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente<sup>25</sup>. Em Macau, as diversas culturas têm-se esforçado para se afirmar e expandir influências, e, no processo do intercâmbio, têm-se absorvido superioridades e vantagens alheias para enriquecer a cultura chinesa. Para o povo chinês, absorver as superioridades e vantagens das outras nações e, particularmente, a nova cultura do Ocidente, reveste-se de um significado extremamente importante. Entretanto, as duas partes conseguiram, em termos gerais, preservar as características culturais da própria nação, sem se deixarem absorver completamente uma pela outra parte.

Como ponto de encontro das culturas chinesa e ocidental e com base no encontro das diversas culturas, Macau tomou muitas vezes a iniciativa, tendo promovido um grande intercâmbio: criou em 1576 a diocese de Macau, sendo a base da missionação católica no Extremo Oriente; criou em 1594 o Seminário de São Paulo, sendo o primeiro estabelecimento de ensino superior no Extremo Oriente; mandou em 1645 o adolescente Zheng Manuo estudar para Roma, sendo o primeiro aluno chinês a estudar no estrangeiro; estabeleceu ainda em 1568 um hospital de medicina ocidental, tendo introduzido valiosos medicamentos ocidentais, nomeadamente o quinino, e métodos de operação cirúrgica. Estes eventos da história da cultura são deveras orgulhos para Macau.

No processo do comércio e intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, um grande número de novas tecnologias e produtos foi introduzido em Macau. Destacam-se os chamados «objectos estranhos do Ocidente», nomeadamente, o vidro, usado em peças tais como os biombos, copos, bules, peças do *Weiqi*, candeeiros, entre outros; espelhos e lentes de diferente forma e uso, o telescópio, microscópio, lupa, e os óculos, muito apreciados pelos letrados chineses, essas «lentes milagrosas do Ocidente, que tornam clara a visão»<sup>26</sup>; os relógios, de toque, relógio de música e relógio de pulso. Em 1582, através de Macau, o relógio foi introduzido no interior, onde foi bem acolhido. Posteriormente, surgiu em Guangzhou e Suzhou o sector de fabrico e reparação de relógios, conhecido respectivamente como «relógio Guang» e «relógio Su». A água de rosas, depois de introduzida em Macau, passou a ser fabricada pelos cantonenses com rosas locais, sendo um produto muito

---

<sup>25</sup> A «Monografia de Macau» apresenta em separado os diversos povos que habitaram em Macau. Yin Guangren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 46-56.

<sup>26</sup> Ver <sup>25</sup>.

procurado em Cantão<sup>27</sup>. Os cantonenses introduziram ainda uma variedade de rosa e plantavam-na em grande escala, para preparar a água-de-colónia. O tabaco e a batata doce foram introduzidos na América e na Europa, de onde os portugueses os levaram para Macau, e posteriormente para Cantão.

A arquitectura, a pintura e a música do Ocidente exerceram também grande influência sobre Macau. Os chineses e os estrangeiros moraram sempre em agregados habitacionais mistos, em casas de diferente estilo arquitectónico. Os chineses costumavam construir casas térreas em terrenos planos, enquanto portugueses construíam edifícios em terrenos altos, que serviam como habitação ou igrejas. As igrejas construídas no séculos XVI são do estilo barroco, estilo arquitectónico que era muito popular no Vaticano, em Roma. O barroco caracteriza-se pela elegância, grandeza, vivacidade, efeitos da luz e fortes sentimentos. As habitações, geralmente de mais de dois andares, eram elegantes, com corredor, janelas nos quatro lados da casa, portas em forma de arco e paredes pintadas de vermelho.

As pinturas ocidentais eram geralmente de temas religiosos. Durante o reinado de Wanli, o jesuíta Miguel Ruggieri introduziu em Macau retratos de Jesus Cristo e Maria. Foram depois introduzidos no interior. Havia também pinturas de paisagem, em papel, em pele, em leque de pele e em objectos de vidro. Como a pintura ocidental presta grande relevo ao jogo claro-escuro, sombra e luz, e efeitos de perspectiva, o retrato é de «imagem viva, corpo, braços e mãos tão vivos como se estivessem escondidos na pintura, e rosto, com concavidade e convexidade, idêntico ao da pessoa viva»<sup>28</sup>, e na pintura de paisagem, os «edifícios, palácios e figuras podem ser observados a dez passos de distância, com portas abertas uma atrás de outra, escadas tão nítidas e reais que pode contar-se o seu número. Os olhos e sobrancelhas das personagens são vivos»<sup>29</sup>. As «Respostas sobre a Pintura», da autoria do missionário Francisco Perez, abordam a teoria da pintura ocidental, tendo exercido certas influências sobre o círculo das belas artes da China. Os pintores da dinastia Qing, Mang Gu, Ding Yuntai, Ding Yu, Wu Li e Jiao Bingzhen «costumam pintar utilizando métodos ocidentais»<sup>30</sup>.

A música ocidental foi também introduzida na China com a religião católica. Nas igrejas de Macau, o coro era acompanhado de órgão e instrumentos de cordas de cobre. «Ao entardecer, homens e mulheres vão fazer missa nas igrejas. As igrejas têm órgão, instrumento invisível, instalado num baú revestido de pele, com um pouco mais de uma centena

---

<sup>27</sup> Fang Duanang «Informações de Cantão», edição de 1991, Editora do Povo de Guangdong, pág. 257.

<sup>28</sup> Gu Qiyuan, «Ke Zuo Zhui Yu», entrada «Mateu Ricci».

<sup>29</sup> Yin Guangren e Zhang Rulin, obra supracitada, pág. 81.

<sup>30</sup> «Dados Históricos da Dinastia Qing», 504, Arte 3.

de tubos de vento, quando se pressiona ligeiramente um saco de ar, o baú emite sons ritmados e harmoniosos, agradáveis, a acompanhar o coro»<sup>31</sup>. O chamado instrumento de cordas de cobre é na realidade um instrumento de percussão, do qual «saem sons nítidos e fortes»<sup>32</sup>. Introduziram-se também as pautas e teorias da música.

Na história moderna, a cultura de Macau é um exemplo do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente. Macau é o melhor modelo da coexistência pacífica e fusão de culturas, muito tendo contribuído para o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente desde tempos remotos. Portanto o seu estatuto histórico não se pode negar. A formação da cultura de Macau promoveu directamente o primeiro auge do intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente que se registou nos séculos XVI a XVIII. Após esta época, o intercâmbio cultural acabou por ser suspenso no resto do país, enquanto Macau conseguiu persistir com o intercâmbio cultural. Por outro lado, o papel histórico da cultura de Macau deve-se ainda ao facto de ser a janela de onde o povo chinês contempla o mundo, tendo recebido e beneficiado enormemente das informações da nova ideologia e cultura do Ocidente. O surgimento no Sul do país das correntes ideológicas da revolução e dos movimentos revolucionários da época moderna tem a ver, em certa medida, com o facto de Macau se ter dedicado, de longa data, à divulgação da nova cultura ocidental.

Com a assinatura da Declaração Conjunta sino-portuguesa, Macau está a entrar numa nova fase histórica. Manter e desenvolver as características da cultura de Macau e criar uma nova cultura de Macau com maior esplendor, reveste-se de um significado extremamente importante.

---

<sup>31</sup> Qu Dajun, obra supracitada, pág. 34.

<sup>32</sup> Yin Guangren e Zhang Rulin, obra supracitada, págs. 75-76.

